

CARTA A UM "REVOLUCIONÁRIO QUE SE PREZA"

Ernesto Martins¹

Prezado companheiro Raul Villa²:

Mais de uma vez senti a tentação de retomar o diálogo, que lamentavelmente se interrompera de maneira abrupta, há mais de dois anos. Se o faço agora é que o companheiro deu uma deixa com seu artigo "*Para um Balanço da PO*"³, que merece reparos pessoais, considerando o tempo que passamos no mesmo barco. Digo "pessoais", porque não pretendo retomar aqui a discussão das nossas divergências políticas atuais e sim limitar-me a aspectos do nosso passado ventilado por você.

Antes de tudo, permita-me manifestar os meus respeitos e a minha admiração pelo empreendimento com o qual você se lançou na obra de um balanço de 15 anos, carecendo de um mínimo de subsídios. Eu não tive coragem de enfrentar semelhante empreendimento, mas isso talvez, se deva a um excesso de escrúpulos. Afinal, para que temos memória?

Não quero esconder que discordo, sobretudo de alguns aspectos do seu método de trabalho. O companheiro afirma, por exemplo, que o balanço é simultaneamente uma autocrítica, pois não pretendia fugir das responsabilidades. Com o decorrer da leitura, porém, é de se perguntar onde começa uma coisa e termina outra — e vice-versa. Assim, o companheiro cita a palavra de ordem "organizar a greve geral de São Paulo", que saiu no órgão central "Política Operária", logo depois da greve de Osasco, como um ato voluntarista da Organização. O companheiro deve se lembrar, entretanto, que lançou essa consigna por conta própria, como secretário político, responsável pelo jornal. O CN o desautorizou em seguida, criticando-o por ter transformado uma palavra de ordem propagandística em uma de ação. O companheiro ofereceu publicar uma autocrítica no próximo número do PO, o que naquela ocasião não foi aceita pelo CN. Já tinham saído diversas autocríticas da redação em números seguidos e se queria evitar um desgaste do jornal. As seções estaduais foram informadas mediante cópias do protocolo da reunião e a imprensa (da Organização) não retomou o assunto. Se nessas circunstâncias outras organizações nos criticassem de fora, teriam razão em fazê-lo, mas o companheiro, que está falando de cadeira, não poderia agir assim, se levasse a sério tanto o "balanço" quanto a "autocrítica".

Infelizmente o exemplo não é isolado (veja as suas queixas sobre o funcionamento da imprensa). Pequenas distorções, quando se acumulam, dão um quadro geral distorcido da situação. A isso contribuiu uma freqüente "falha de memória", sujeita a certos lapsos freudianos. Assim, tenho de defender-me contra citações realmente fora de propósito. Quando eu falava da necessidade de um "trabalho de mosaico" não me referia a uma tentativa voluntarista de alteração das condições de luta. Muito pelo contrário, insistia em uma contínua busca de dados reais sobre a situação da classe, a conjuntura econômica e

¹ "Ernesto Martins" foi um dos pseudônimos utilizado por Érico Sachs (dirigente e principal formulador político da ORM – Política Operária) em seus escritos políticos antes e durante a ditadura militar. Mais informações em http://www.centrovictormeyer.org.br/attachments/101_Ernesto%20Martins.pdf

² Raul Villa: pseudônimo utilizado por Eder Sader em seus escritos políticos nas décadas de 60/70. O autor foi fundador e dirigente da organização ORM – Política Operária até se exilar no Chile após o Ato Institucional Nº. 5.

³ In Revista Brasil Socialista Nº 7. "Brasil Socialista" foi uma revista editada no exterior nos anos de 1975/1977, através de Nouvelles Editions Populaires (Suíça), por exilados brasileiros das organizações MR-8, AP-ML, Polop e outras, que se encontravam na França. O projeto inicial visava a formação de uma "Tendência Proletária" a partir da aproximação dessas organizações, mas a publicação desenvolveu-se no sentido da defesa das propostas de "luta democrática", contrariamente ao posicionamento da Polop.

social e tudo aquilo que permitia saber em que terreno estávamos pisando em todo momento da luta. Esse "trabalho de mosaico" destinava-se (e continua a se destinar) a evitar que tomássemos mediadas alheias a realidade, dos apelos revolucionários flamejantes até as táticas ultra-esquerdistas. E, afinal, companheiro Raul Villa, sua insinuação contraria seus próprios argumentos fundamentais. Pois, de que acusa a velha Polop e a mim especialmente, é que tenhamos dado importância demais a conjuntura, as condições objetivas de luta e subestimado a importância da ação revolucionária. Que as acusações, pelo menos, sejam conseqüentes, mesmo se a memória não funcionar sempre bem.

No mesmo estilo (o das acusações fora de propósito) estão as suas citações sobre "*Aonde Vamos?*"¹, as quais de resto nada teria a acrescentar. Só que o companheiro Raul facilitou a sua argumentação. Os referidos trechos tratavam das nossas tarefas no quadro de uma situação dada. Nunca defendi o ponto de vista de que a "consciência penetra na cabeça dos nossos proletários graças a agitação persistente dos comunistas". Afirmei, sim, que a consciência não penetra na classe sem a agitação e propaganda dos comunistas, mas isso não é exatamente a mesma coisa. Repetimos até o cansaço, e repetiremos enquanto for preciso, que existe uma situação objetiva (que não criamos) e que permite que o trabalho de conscientização dos comunistas dê os resultados esperados.

O resto é criar ficções e se tornar vítima de ficções. E a nossa experiência em comum no seio da PO mostra que era justamente o companheiro o expoente de uma tendência que mais facilmente se tornava vítima das próprias ficções — justamente porque revelou um menosprezo solene pelo "trabalho de mosaico".

Tomemos o exemplo da greve de Osasco. A vontade do companheiro de organizar a greve geral na capital não surgiu evidentemente de graça. Lembro-me perfeitamente, quando numa reunião em São Paulo, pouco antes do encerramento, o companheiro informou que os operários de Osasco estavam querendo organizar uma greve geral e tinham se dirigido a Organização com o pedido de orientá-los. As respectivas perguntas sobre dados e detalhes não podiam ser respondidos ainda (só se tinha dado um contato), o que impediu uma discussão mais concreta do problema. A seção de São Paulo ficou com a responsabilidade.

A greve se deu algum tempo depois, com o desfecho que sabemos. O CN reuniu-se logo em seguida, novamente em São Paulo e o companheiro deu o seguinte relatório, em resumo: os operários das maiores fábricas tinham se organizado em comitês de empresa e marcado o dia H. Para a data fixada o Secretariado de São Paulo da PO tinha organizado um aparelho, para daí dirigir a greve. O aparelho tinha sido ocupado por três companheiros, o relator e mais dois, dos quais um encarregado de assegurar o apoio estudantil e o outro da ligação com Osasco. Essa "direção da greve" não chegou a funcionar, pois os dois companheiros da ligação, quando saíram em missão, não chegaram a voltar. O companheiro Villa teve de abandonar o aparelho no decorrer do dia, para estabelecer contato com a célula de Osasco.

Assim mesmo — prossegue o relatório - desencadeamos a greve, quando um companheiro nosso tomou a palavra numa empresa, na hora do almoço, arrastando consigo os operários para uma manifestação, que se dirigiu às fábricas vizinhas. Além disso, a Organização editou um boletim de greve diário, que publicou as palavras de ordem. O relatório terminou com um apelo à Organização para que aprendesse com os novos métodos de luta desencadeados em São Paulo e com a consigna: "Agitar, agitar e, mais uma vez, agitar".

Lembro-me também que a discussão do relatório foi acalorada. O companheiro, naquela ocasião, recebeu mal minhas objeções, mas teve de admitir que, se tivemos a orientação da greve, então pelo menos a perdemos no decorrer da luta. Igualmente ficou claro que os nossos companheiros não tinham elaborado com os operários nenhum plano de greve e nem de retirada. Houve a preocupação de desencadear uma greve e depois o barco ficou à

¹ Série de documentos, composta de quatro partes, escritas por Ernesto Martins. Circulou no Brasil em edição mimeografada entre abril e julho de 1967, tendo importante papel na divulgação das idéias socialistas entre as várias tendências da esquerda revolucionária brasileira. Disponível em http://www.centrovictormeyer.org.br/attachments/101_Aonde%20vamos.pdf.

mercê das ondas. Além disso — conhecendo-se a precariedade do trabalho de fábrica em São Paulo — era difícil explicar, sem acreditar em milagres, como os companheiros conseguiram em pouco tempo essa liderança num bairro inteiro. Em todo caso, o que prevalecera frente a todas essas objeções foi certa euforia com o fato dos companheiros terem "desencadeado a greve de Osasco". E foram nesse sentido os relatórios para os Estados.

Levou um tempo para os fatos aparecerem. Ficou claro que não preparamos nem orientamos a greve — nem sequer a desencadeamos. O centro estava situado no Sindicato dos Metalúrgicos, dirigido por uma oposição sindical, sob a liderança de José Ibrahim. O grupo político mais chegado a ele, era uma então recente cisão militarista nossa, que marcou o desenrolar aventureiro da greve. (A cisão manteve a forma de organização dos comitês de empresa). Essa liderança, para assegurar-se de um apoio mais amplo possível, dirigiu-se a diversas organizações e grupos presentes em Osasco. A nossa, principal, era o Boletim. Essa constatação não diminui o mérito dos companheiros, que de fato levaram uma fábrica à parede. Mesmo não a desencadeando, contribuimos efetivamente para a luta. Teríamos podido contribuir mais e mais eficientemente, entretanto, se tivéssemos tido um mínimo de conhecimento do terreno em que estávamos pisando.

Perdoe-me, companheiro Villa, se eu lhe lembrar desses fatos do passado e não me acuse novamente de perseguição pessoal. O companheiro sabe que não se trata de casos isolados e que eu não estou contando nem a metade da missa. Trata-se de casos típicos, que caracterizaram a situação daquela época e que tanto explicam acontecimentos posteriores como respondem certas perguntas que o companheiro levanta no seu "balanço".

O fio da meada das nossas discrepâncias de então, o companheiro o retoma quando acusa a nova direção da PO (de 1974 em diante) de "doutrinarmos", citando da "Tese sobre a Conjuntura e Tática":

"Em primeiro lugar, importa considerar aqui a impossibilidade de mudança da conjuntura a partir da atuação da vanguarda comunista. Esta impossibilidade significa que as relações de descontinuidade existente entre a vanguarda e a classe como um todo são um dado da conjuntura que só poderá ser modificado com a intervenção de fatores objetivos"

Que é que o companheiro tem a objetar contra essa definição? As suas objeções são tão típicas para a sua compreensão de luta (revelada posteriormente em toda plenitude), que merecem ser reproduzidas, mesmo com o perigo de cansá-lo. Diz::

A conjuntura não se alterará a partir da nossa intervenção. Isso poderia até ser uma constatação realista fundada na atual debilidade dos revolucionários. Mas para os revolucionários que se prezam, isso não leva a que abdicuem da necessidade de deixarem sua marca na evolução da conjuntura. Quer dizer, ainda que no resultado final do período a intervenção comunista tenha tido um papel secundário, a 'dimensão' dessa intervenção condicionará nossas perspectivas na conjuntura futura. Quanto maior houver sido a 'marca' revolucionária nesta conjuntura, melhor serão as premissas para a próxima.

Se aqui não houvesse uma dúbia concordância no sentido de que não mudamos a conjuntura em virtude da "atual debilidade dos revolucionários", podíamos limitar a constatar que aí morreu Neves. Que uma conjuntura traz em si o germe da outra, em todos os sentidos e também no da atividade dos revolucionários, não deve ser nenhuma novidade para militantes (ou "ex") da PO. E a "Tese sobre a Conjuntura e Tática", certamente não propõe cruzar os braços, porque a conjuntura é desfavorável. Independentemente do mérito das recomendações táticas que ela dá, procura definir as apropriadas a uma situação determinada. Mas o que o companheiro Villa quer dizer quando concorda com a "atual debilidade dos revolucionários"? Vanguardas fortes — partidos operários — fazem ou mudam as conjunturas do desenvolvimento capitalista? E falta ainda outra explicação. O que um "revolucionário que se preza" — e o companheiro certamente se inclui nesta categoria — entende por deixar a sua "marca" no desenvolvimento da conjuntura?

Também nesse terreno dispomos de experiência e ela não é das melhores. Apesar de certa elegância inegável com que o companheiro pretende passar por cima dessa fase fatal para a Organização ("...só substituímos o "doutrinário" pelo "obreirismo"), a marca deixada foi para nós, o desgaste de uma crise, até hoje não superada.

A "marca deixada" foi a vitória do voluntarismo no seio da Organização. É verdade que a tendência voluntarista sempre existiu no nosso meio e isso, provavelmente, foi consequência inevitável da origem da composição social do grupo. Pôde ser neutralizado, entretanto, em grande parte, por discussões internas — discussões "doutrinárias", como o companheiro diria — e pela experiência prática, que companheiros adquiriram em contato direto com a classe. A tendência voluntarista ficou porem, consideravelmente reforçada pela fusão com a Dissidência do Sul, que posteriormente escolheu rumos semi-militaristas. O companheiro menciona a minha demissão do CN, no decorrer da luta interna que se esboçou e explica que foi falta de perspectiva. Esquece, entretanto de dizer que foi a falta de perspectiva de solucionar os problemas mais urgentes com o CN então existente. Formalmente estávamos em maioria, mas na prática sentia não poder contar com ela para decisões que se impunham. Desde o Pleno de Porto Alegre tive a nítida impressão do companheiro estar sentado em cima do um muro, não sabendo ainda para onde saltar (pois, como diria hoje, a Oposição estava roçando nos problemas da tática). O resto do CN estava paralisado por essas contradições. Com a minha demissão pretendi retomar a minha liberdade de ação e dedicar-me ao trabalho de base na Guanabara. Naquela seção tínhamos formado uma infra-estrutura para um trabalho de fábrica a prazo, que prometia enfrentar a prolongada clandestinidade. Pretendíamos criar no Rio um pólo para uma reorganização, caso as aventuras da oposição destruíssem partes maiores da organização nacional. Havia premissas favoráveis para isso — o companheiro se lembra que na Guanabara a oposição praticamente não conseguiu nada.

Com a minha queda e a cisão, que finalmente se tornou inevitável depois de tantas hesitações, o campo ficou livre para o companheiro mostrar na prática o significado da "marca" na conjuntura.

Começou com um documento, em que prometia superar todas as falhas e fraquezas da velha Polop. A nova Organização seria realmente de combate e passaria imediatamente a uma atividade revolucionária consequente. O problema imediato era "*por o motor em funcionamento*" para "*criar um pólo proletário que se refletia sobre a sociedade toda*". O pano de fundo para essa ofensiva ativista e as esperanças artificiais desesperadas, era uma falsa avaliação da conjuntura, que naquela altura dos acontecimentos não se justificava mais. Os dados econômicos para 1969 já tinham sido publicados e estava evidente que o regime tinha conseguido superar a crise cíclica. Quando, no decorrer do ano, os fatos falaram mais alto e o descenso do movimento de massa se tornou evidente, procurou-se bagatelizar a situação, falando de um "descenso provisório", sem mudar a prática. É evidente que essa linha política não tinha nada a ver com o "obreirismo". Não era resultado do radicalismo de um proletariado jovem e inexperiente, que estava entrando na luta. Essa nova linha tinha brotado da cabeça de intelectuais e de estudantes inexperientes, que não tinham aprendido a usar o seu órgão pensante para traduzir uma realidade existente. Era produto de um voluntarismo, que podemos chamar de 'civil' e com o qual se pensou poder enfrentar o voluntarismo militarista; claro que a matiz 'civil' desse voluntarismo entrou tão depressa num beco sem saída, como a militarista.

Hoje, o companheiro afirma que a PO precisava de "êxitos a curto prazo", para poder sobreviver. Bem, os êxitos não vieram e esse não era o caminho para consegui-los. Em troca perderam-se contatos operários, que surgiram depois da cisão, como os "grupos" independentes. O diletantismo voluntarista não os podia atrair e só reforçou a sua desconfiança em relação a organizações de origem estudantil.

Mas, será verdade que a Organização precisava de êxitos a curto prazo? Tudo depende de como a problemática da luta é colocada para os quadros. Tudo depende de como foram formados os quadros. Em São Paulo, naquele momento, talvez precisasse, por razões óbvias. Sobre Minas não tenho dados para julgar: o problema, provavelmente, foi "importado". Na Guanabara, porem, não era o caso e a seção resistia à nova tática. Lá o trabalho tinha sido colocado em outros termos (principalmente no setor operário, que se tornaria a

primeira vítima do "motor em funcionamento"), e por isso mesmo tinha mostrado continuidade. Agora, revelou-se por outro aspecto da sectarização iniciada — a decadência da democracia interna da Organização.

A nova direção não podia tolerar que sua linha fosse questionada. Dúvidas quanto ao caráter provisório do "descenso" eram tidas como desvio. O secretariado regional foi paralisado mediante cooptações impostas pelo CN e finalmente remodelado. Secretários antigos foram isolados, transferidos e perseguidos, até se encontrarem fora das fileiras. Discutir, não se discutiu. "Primeiro o motor..."

O ambiente criado fez que formasse a "fração leninista" na Guanabara. Isso se tornou inevitável em virtude da impossibilidade de travar uma discussão interna. A resposta do CN consistia em medidas administrativas ("Os companheiros tem de fazer autocrítica..."). E quem não se sentia em condições para isso, porque a autocrítica exigida não correspondia às suas convicções como revolucionário, era afastado da Organização.

Criaram-se novos métodos na vida interna. Claro que também no passado existiram tendências burocráticas, mas podia-se estabelecer limites. Lembro-me de debates no CN, nos quais se investiu contra os abusos das autocríticas forçadas; que não correspondiam aos pensamentos reais dos "acusados". Lembro-me igualmente, que tivemos de restabelecer o direito de divergir dos militantes, ocasião em que ficou reafirmado que somente a quebra da disciplina coletiva justificava medidas administrativas. O próprio companheiro deve se lembrar quanto tempo "perdemos" com a discussão das teses da Oposição de Minas. Não foi propriamente uma perda, pois conseguimos manter todo o grupo dentro da Organização e uma parte dos estudantes, que sabia por que tinham ficado. Na nova fase, entretanto, a fração Leninista em pouco tempo estava fora da Organização, embora as divergências, que naquela época separavam direção e oposição não se comparassem com as havidas em 1967. A cisão foi provocada pelas restrições impostas à vida democrática interna.

E com isso, gostaria de dar ao companheiro a resposta a sua pergunta repetida do porque da Organização não ter conseguido enraizar-se na classe operária e não ter conseguido dar continuidade ao papel que começara desempenhando. A meu ver, a resposta já está implícita nas objeções, que levantei aí ao seu 'balanço', mas para não deixar dúvidas, quero fazê-lo também explícito.

O maior obstáculo, que encontramos no caminho foi a nossa origem estudantil e a incapacidade de mudar definitivamente a composição orgânica pequeno-burguesa da Organização. Nunca chegamos a constituir uma organização de operários e intelectuais revolucionários, que dispunha de um setor estudantil. Éramos preponderantemente uma organização de estudantes e ex-estudantes, que não se livrou dos vícios das suas origens. Como o companheiro mesmo admite, surgimos à margem do movimento operário, um grupo de estudantes, intelectuais e alguns operários isolados. Uma organização de revolucionários, entretanto, não cai do céu, tem de amadurecer. Amadurecemos até certo ponto em discussões e lutas internas, com os estudantes "profissionais", com os intelectuais, que procuravam conciliar a sua militância com sua formação acadêmica, e outros elementos da classe média, que consciente ou inconscientemente levaram os seus conceitos ideológicos para dentro da Organização. É claro que a atividade externa seria fundamental para o amadurecimento da Organização (as discussões internas, afinal, eram em função da atividade externa). Acontece, entretanto, que para três quartas partes dos militantes, pelo menos, a atividade política não ultrapassou o nível estudantil. Só uma minoria de estudantes (ou ex-estudantes) estava em condições de desencadear atividades no setor operário, que cresceu lenta e constantemente (houve um retrocesso logo depois do golpe, no início da clandestinidade).

Tomemos um exemplo concreto, para melhor ilustrar a situação. Não vou me referir ao caso de Minas, onde as fileiras eram engrossadas antes de todos os Congressos e Conferências a fim de obter um maior número de votos proporcionais e que representou um capítulo a parte. Tomemos São Paulo, que o companheiro bem conhece.

Embora não fosse pelas mesmas razões, também em São Paulo a "força" da Organização foi compreendida como força numérica. O centro de recrutamento intensivo era a faculdade de

Filosofia. A grande maioria dos quadros era composta de moças provindas de lá e de outras ciências humanas. Que não me acusem de preconceitos contra mulheres, mas tratava-se de um tipo de "militante" feminina, que freqüentemente ficavam na Organização até se casar ou até sofrer de complicações sentimentais, que absorviam suas energias. Tanto elas como a maioria de seus congêneres masculinos da mesma origem tinha formação política precaríssima (dificilmente saberiam defender uma posição nossa) e antes de tudo faziam número em reuniões estudantis. Foi na própria seção de São Paulo que surgiu a pergunta no sentido do que distinguia esse tipo de "militante" das encontradas nas fileiras da AP, por exemplo. Lembro-me que a resposta foi difícil.

Claro que também aí se deu certa seleção natural e o joio se separou do trigo, mas foi um processo penoso porque teve de se dar dentro da Organização.

O trabalho de fábrica em São Paulo só começou realmente com a transferência de quadros de outros Estados para lá. Durante os anos 1967/68 colocou-se o problema da mobilização das bases estudantis em apoio ao setor operário. Caiu-se logo num extremo oposto. Todas as células estudantis, com exceção de algumas poucas tinham de "ir às massas". Preparação de quadros não tinha. O responsável pelo setor ia às células e distribuía as tarefas. Escolhia uma das militantes e dizia: no bairro tal, a fábrica X tem problemas salariais. Vai lá e organiza uma greve. Quando a referida companheira na próxima reunião da célula confessou com lágrimas nos olhos que não sabia enfrentar a tarefa, foi tida como "pequeno-burguesa". Mas o companheiro responsável, estudante de uma matéria bastante abstrata, era considerado como "entendido" em trabalho operário na Secretaria Regional.

Outra característica da situação criada foi justamente a tendência à burocracia, com a qual se preenchia o vazio das atividades estudantis e da qual o companheiro está se queixando. Foi justamente em São Paulo onde se procurou, certa época, formar uma hierarquia interna cristalizada. Em 1967 ainda era hábito na Seção falar do "posto" que ocupavam na organização estadual. Para completar o quadro, basta dizer que o primeiro operário, transferido de outro Estado àquela seção e eleito para um órgão executivo, foi empregado no setor de finanças e empreendimentos comerciais.

Compreende-se que desse ambiente de "diletantismo como sistema" — como dizia um companheiro na ocasião — o desenvolvimento do trabalho direto na classe e a formação de quadros políticos operários, tropeçava com dificuldades e sofria de uma latente descontinuidade, caracterizada por fases alternadas de euforia e depressão. Procuramos vencê-las em parte subordinando as atividades dos setores operários diretamente a uma coordenação nacional, para diminuir dessa maneira as influências das secretarias regionais. Só conseguimos em parte, pois as atividades dos setores dependia do apoio das seções.

Nosso problema foi, pois, a não superação das nossas origens. Não podíamos fazê-lo querendo simplesmente eliminar os estudantes (isso sim teria sido obreirismo). Tínhamos de superá-las transformando os elementos vindos da pequena-burguesia em comunistas com experiência revolucionária e criando um maior número ainda de quadros operários políticos. São esses os elementos básicos de uma organização operária revolucionária, no sentido leninista. Ambos os elementos só se criam simultaneamente e em conjunto. Intelectuais com experiência revolucionária não se formam unicamente na escrivania e quadros operários politizados dificilmente surgem fora de organizações revolucionárias.

Mas, mesmo assim, companheiro Villa, com todas essas dificuldades latentes, conseguimos formar núcleos operários nas principais seções, que se revelaram fieis à Organização em quase todas as crises havidas, mesmo a do POC (com exceção do Rio Grande do Sul, onde o setor operário revelou ser uma ficção). Quero deixar claro também para o companheiro, que não considero o fator subjetivo, a incapacidade da vanguarda, o único responsável pela situação que se criou. O nível geral da consciência política da classe operária e as tradições populistas, que não encorajaram a criação de formas de organização de base na classe, são fatores objetivos que evidentemente tinham de repercutir na formação da vanguarda. Em princípio temos de contar com o fato de que, para a formação de um movimento operário, precisamos de uma percentagem maior de elementos vindos de fora da classe, do que necessitam movimentos análogos em países nos quais o proletariado já criou tradições próprias, tanto políticas como organizatórias. Na situação concreta, pela qual passamos, a

supremacia absoluta de elementos pequeno-burgueses na Organização, em parte foi reflexo da passividade da classe.

Essa constatação não pode desculpar, entretanto, a destruição virtual do trabalho realizado na fase posterior, da OCML, que foi resultado direto do voluntarismo declarado da linha oficial. Voluntarismo implica em alienação da realidade, significa superestimação do próprio papel. O preço, a prazo, é o desgaste em virtude do choque crescente com a realidade em torno.

Quando fundamos a Organização e durante alguns anos, estivemos cientes das nossas limitações físicas e sociais. No Congresso de Fundação dissemos que podíamos preencher o papel de um catalisador no processo de formação de um partido revolucionário da classe operária. Em seguida definimo-nos como "Estado maior auto-nomeado e sem tropa". As tropas, na medida em que existiam eram do PCB e do trabalhismo. Boa parte da nossa atuação consistia em esboçar alternativas revolucionárias à prática vigente de colaboração de classes e fundamentá-las teoricamente para os setores mais avançados da esquerda existente. Com o tempo, na ilegalidade, as "tropas" debandaram e a nossa função de "Estado maior auto-nomeado" ficou suspenso. Em troca, aumentou o nosso peso no seio da Esquerda. Mas não aumentou em virtude do nosso crescimento no seio da classe. Aumentou principalmente em virtude da destruição dos grandes movimentos de massas, do PCB e do trabalhismo em suas diversas matizes. No proletariado tinha se criado um vácuo político, que só a longo prazo e certamente não mediante o simples crescimento de um pequeno grupo poderia ser preenchido. Por isso a pergunta do companheiro, no sentido do porque não tomamos a liderança do movimento de massas em 1967/68, me parece alheatória.

Estou convicto que a PO (como grupo análogo), em toda a sua existência até agora, não passava e não podia passar de uma organização de propaganda de uma linha revolucionária no seio do proletariado. Essa era a sua função natural, que podia enfrentar sem perder senso da realidade. As ações que realizamos e as lutas que travamos não dão para mudar esse quadro. A quantidade aí é tão modesta que não chega a dar o ambicioso salto para a qualidade. Nunca estivemos em condições de realizar aquele tipo de "trabalho de massa", que o companheiro agora descobriu no exílio. Evidentemente "trabalho de massa" soa bem e enche a boca, mas verdade é que toda a chamada Esquerda Revolucionária reunida não atinge as massas de explorados do país. Sempre defendemos o ponto de vista de que tínhamos de concentrar nossos esforços sobre determinados setores decisivos, cujo comportamento repercuta sobre a classe. E mesmo nesses setores dependíamos de uma camada mais avançada de liderança local.

O companheiro, nesta altura talvez esteja sorridente, exclamando: *Eu não disse que eram propagandistas!* - já nos tinha dito também a sua opinião sobre o "propagandismo" e dedicado uma página ao papel da propaganda no leninismo. Permita-me que cite, para o caso de você não ter guardado tudo de memória:

"Para quem quer que tenha lido com um mínimo de atenção a história da Revolução Russa fica evidente que, embora tenha sido extremamente importante a luta ideológica contra o revisionismo e o populismo, ela só ganhou sentido ao subordinar-se à luta política, à atividade central dos bolcheviques no momento, que consiste na mobilização concreta dos setores do proletariado, soldados e camponeses pelo poder dos soviets. Na medida em que esses setores adotam a plataforma de luta dos bolcheviques, eles esclareciam o caráter reacionário do governo provisório, desmistificavam seu caráter de classe, mostravam a alternativa revolucionária. O instrumento político de trabalho para a propaganda da linha proletária constitui numa plataforma de reivindicações — o fim da guerra, a entrega das terras aos camponeses, a nacionalização dos bancos, o controle operário, o poder aos soviets, etc. — com aplicações específicas segundo a conjuntura ("fora com os ministros burgueses", por exemplo). Mas tampouco o principal foi a propaganda dessa plataforma. Foi a capacidade dos bolcheviques de impulsionar praticamente essas lutas — de controle operário, de ocupação das terras, de exercício parcial do poder por comitês de fabricas, de soldados, de soviets — que esclareceu o caráter reacionário do Estado burguês e garantiu o êxito da política de propagandistas".

Perguntamos ao companheiro Raul Villa, que no mesmo artigo se queixa da verborragia

num documento recente da PO: se essa sua definição de propaganda no leninismo não for pura verborragia, o que é então?

Em primeiro lugar, o companheiro toma uma situação revolucionária na história das lutas de classes russas, que levou à primeira revolução proletária vitoriosa e pretende comparar a função da propaganda naquela ocasião, com o papel que ela desempenha na realidade atual (e passada) brasileira. É querer comparar o andar de um homem na plenitude da sua força com o engatinhar de uma criança. Não só que não conhecemos, nem de perto, um nível compatível de lutas de classes no Brasil, como também nunca tivemos, pelo menos aproximadamente, um movimento de massas revolucionário, seja na cidade seja no campo. Pelo que parece, para o companheiro, o leninismo começa em 1917. Lênin antes da luta direta pelo poder, não era leninista? Não seria mais justo para o nosso caso, estudar também o papel de Lênin na época em que ainda lutava pela formação do partido proletário, na fase em que ainda não podia mobilizar massas para o "controle operário", a "ocupação das terras" e o "exercício parcial do poder por comissões de fábrica, de soldados e de civis"? Isso pelo menos teria a vantagem de talvez compreendermos porque os bolcheviques chegaram a liderar uma revolução vitoriosa. E o companheiro encontra esse Lênin, entre outros, em "O Que Fazer?", livro que gostava tanto de citar no passado.

Embora seja forçada qualquer comparação da situação russa em 1901/02 com a do Brasil dos anos 60 e 70, fica clara a importância que Lênin dá à propaganda revolucionária na transformação qualitativa do proletariado e na criação do Partido. As chamadas Ligas de Combate, que se criaram nos centros industriais do Norte e Sul da Rússia, ele considerava "círculos de propaganda". Essa definição originalmente nada tinha de pejorativo. Caracterizava uma fase do desenvolvimento revolucionário russo, que tinha que ser percorrida. Lênin mesmo tinha militado em dois desses círculos, um em Samara, outro em Petersburgo. Combatia essa forma de organização quando a considerava superada, quando julgava poder passar da organização de propaganda a uma ação revolucionária e isso se deu de fato em 1903, com a fundação do Partido Social-Democrata Russo.

Pode-se afirmar que entre nós tenha havido um desenvolvimento semelhante ou equivalente? Que os nossos grupos da Esquerda Revolucionária tenham atingido e formado politicamente o nosso proletariado? Que a situação esteja madura para a formação do partido revolucionário da classe operária brasileira?

Em segundo lugar, para poder combater melhor o "propagandismo", o companheiro identifica deliberadamente propaganda revolucionária com exposições de motivos teóricos. O que o companheiro cita como prova do nosso 'teoricismo propagandístico', do "Aonde Vamos?", são trechos tirados de um documento de discussão entre comunistas. Admito que o companheiro poderia ter sido mais feliz na sua escolha. Assim, por exemplo, certa época, todos os manifestos e declarações políticas saídas em São Paulo, terminavam invariavelmente com a palavra de ordem: Viva a classe operária independente! Custou bastante para convencer os companheiros que não era com tais formulações que se consegue a independência da classe operária. Desafio, entretanto, o companheiro a citar um único manifesto de agitação e propaganda, saído do CN ou da Coordenação Operária, que esteja redigido como documento teórico.

Em terceiro lugar, o companheiro cria uma contradição igualmente artificial entre "propaganda" e "política". Artificial, por que não há política (pelo menos revolucionária) sem propaganda. Sem propaganda os nossos conceitos políticos não podem penetrar nas massas. O que o companheiro quer dizer, entretanto, é que em vez de fazer propaganda devíamos fazer política. Mas com isso chegamos novamente ao terreno das relações entre propaganda e ação, ao terreno das relações de forças e ao apego à realidade material.

Só quero lembrar ao companheiro que as mudanças de forças existentes não dependem de receitas políticas boladas na cabeça. O exemplo mais flagrante fornece o próprio companheiro. Que não deixa de ser um "propagandista", só porque aderiu à linha política das lutas democráticas. A única coisa que mudou é que o companheiro agora faz propaganda em torno de objetivos democráticos, procurando levá-los para dentro do proletariado. Nas relações entre "vanguarda" e "massa" isso nada alterou.

Não quero porem encerrar esse capítulo sem observar que mesmo o quadro que o

companheiro fornece da situação de 1917, na Rússia, é tão forçado quanto confusa. O companheiro, que tanto aconselhava o estudo da história da Revolução, devia saber que a famosa consigna "todo o poder aos soviets", quando inventada em abril de 1917, não passou de uma palavra de ordem propagandística. Visava a formação de um governo de transição, composto de mencheviques, socialistas revolucionários e bolcheviques, representados no Sovietes (por isso a posterior "Abaixo com os 10 ministros capitalistas!", que visava separar os dois partidos de esquerda dos seus parceiros burgueses no governo de Kerenski). A palavra de ordem foi abandonada em consequência das jornadas de junho, quando o soviets, dominado por mencheviques e socialistas revolucionários, tinha se tornado um instrumento do governo provisório. Mas, foi retomada, como palavra de ordem de ação em outubro, depois dos bolcheviques terem conquistado a maioria no soviets de Petrogrado e de outros centros industriais. "Todo o poder aos Sovietes" tornou-se o grito de guerra da insurreição proletária.

Em todo o caso agradecemos ao companheiro o trabalho da lição sobre o leninismo. Depois da anterior, que nos deu sobre Estratégia e Tática e na qual atribui formulações a Lênin que este nunca fez, trata-se evidentemente de novo enriquecimento da teoria revolucionária não doutrinária.

Cabe aqui a pergunta, companheiro, por que essa falta de seriedade de argumentação, que é certamente um fenômeno novo para nós? Será que o caminho para a direita não poderia se dar de maneira mais digna? Que se trata de um caminho para a direita está hoje obvio. Basta ver os seus rumos dos últimos anos. O companheiro os iniciou afirmando que a "luta pelos direitos democráticos" estava em conformidade com a política da Organização. Quando esta o desmentiu, o companheiro declarou que se tratava de uma divergência "tática", manifestando a esperança de uma próxima mudança nesse sentido, para que pudesse juntar-se novamente a luta comum. Hoje renega praticamente todos os fundamentos da PO e declara a sua falência. A resposta à pergunta talvez se encontre numa velha lei quase física, na vida política, que diz que um coice a esquerda ajuda ao deslocamento para a direita.

O que talvez mais nitidamente mostre este movimento para a direita e a sua entrada no coro daqueles que há muito afirmam que a PO "não tem tática". Para afirmar isso o companheiro tinha de esquecer muita coisa. Tinha de esquecer as divergências táticas nas quais participou, a começar pela crise de 1961, aos movimentos de greve em São Paulo e no Rio, em relação ao Parlamento e ao Presidencialismo, da tática eleitoral, etc., etc., podem ter sido táticas boas ou más, certas ou erradas. Afirmando, entretanto, que não tínhamos táticas, não convence ninguém que participou das lutas.

Para os reformistas e populistas, nós "não tínhamos tática", pois não apoiávamos a "burguesia nacional", nem as "forças progressistas do governo". Não nos integrávamos nos esquemas políticos existentes e não "fazíamos" política com eles. Como "tática política" só reconheciam os padrões pequeno-burgueses deles. A questão atingiu um auge, em 1966, nas eleições, quando pregamos pela primeira vez, o voto nulo. Evidentemente isso não era uma tática eleitoral para uma esquerda que, na Guanabara, por exemplo, praticamente todas as organizações à esquerda do PCB e do PCdoB descobriram a tática eleitoral do voto nulo e o ponto de atrito desapareceu — até 1974. Desde então coincidiu que nós novamente "não tínhamos tática".

Tampouco a ser levado a sério é a acusação de foquismo, que o companheiro está repetindo agora. Devo dizer-lhe, porém, que não me sinto a vontade de acompanhá-lo no terreno que escolheu. Espero que a sua despreocupada exposição de "fatos" não se torne peça de acusação contra pessoas, que de maneira direta ou indireta ainda estão ao alcance da ditadura militar. Só quero verificar aqui que:

- a PO nunca assumiu compromisso de apoiar levantes locais em nenhum lugar do Brasil;
- a PO somente depois da passagem do governo Castelo Branco a Costa e Silva chegou a conclusão que o momento político para uma guerra de guerrilhas tinha passado;

a linha estratégica da PO não partia da guerra de guerrilha, mas subordinava uma possível guerra de guerrilha a luta de classes nas cidades e a insurreição proletária (o que não era

propriamente uma concepção guevarista).

E para finalizar, no que diz respeito à "falência da PO" declarado pelo companheiro, permita-me manifestar um prudente ceticismo. É verdade que a Organização está em plena crise, a pior que já sofreu em toda a sua existência. Creio ter mostrado aqui as suas causas e origens. Está dividida, hoje, não em duas e sim em quatro frações, pelo menos. Temos, que levar em conta ainda, além da maioria rachada, a cisão da ORM e o grupo do exílio, que edita o presente órgão. Mas o companheiro, que estudou tão assiduamente a história da Revolução Russa, deve saber que os bolcheviques, às vésperas da Revolução de fevereiro, como partido organizado tinham deixado de existir. Estavam divididos em muitos grupos autônomos, que agiam por conta própria, sem direção e orientação central. Foi o aparecimento do "Pravda" legal, depois de fevereiro, que uniu novamente o partido, ainda em bases políticas duvidosas. Foi somente com os debates em torno das Teses de Abril que ressurgiu o Partido Bolchevique, que assegurou o seu lugar na história.

Não me entenda mal, companheiro. Citando esse exemplo não pretendo seguir agora o seu método de comparações históricas. Também não quero afirmar com isso que o Brasil já esteja se aproximando a passos largos de uma revolução proletária. Mas, mantendo as devidas proporções, quero dizer que organizações revolucionárias, enraizadas na realidade das lutas de classes, não sucumbem tão facilmente, tem muita tenacidade para sobreviver. Por isso temos a esperança que a crise seja superada. E não só que temos essa esperança, como trabalharemos nesse sentido. O companheiro, por sua vez terá muitas ocasiões para investir contra a esquerda.

Antes de encerrar, deixe-me esclarecer ainda o que é um profundo mal-entendido do companheiro supor que estejamos ofendidos e que não tenhamos sabido aceitar a sua separação. Posso assegurar-lhe que não temos absolutamente nada contra contatos pessoais nem contra debates em bases objetivas.

De resto lhe desejamos muitas felicidades em sua carreira fora da PO. Fazemos votos também que nunca mais em sua vida, o companheiro precise escrever semelhante 'balanço' e semelhante autocrítica.

Saudações.

Ernesto Martins

(In Rev. Marxismo Militante nº 5, maio de 1978)